

que a gente tem a Ana Dias, eu acho que ela deve se lembrar disso. Não é, Ana? Falar sobre isso gera uma coisa aqui dentro que ninguém consegue entender. Perdi o texto.

Em 2017, como parte do processo que a família moveu junto à Corte Interamericana de Direitos Humanos, ela teve que prestar um depoimento na Costa Rica e ser interrogada pela AGU, a Advocacia Geral da União. Na plateia, representantes das forças armadas brasileiras, devidamente uniformizados para intimidá-la.

Apesar dos 40 anos do crime, do relatório nacional da Comissão da Verdade e de tantos outros documentos que provam o que aconteceu em 25 de outubro, a AGU buscou intimidar e constrianger Clarice Herzog.

Porém, no banco estava sentada Clarice Herzog, guardando para si mesma muito sofrimento ao responder de forma firme aquele interrogatório. Eu convido quem quiser a assistir, o material é público, está na internet.

Quem teve a oportunidade de conhecer a minha mãe, viu durante aquela sessão da Comissão Interamericana de Direitos Humanos os primeiros sinais da doença que hoje nos impede de ter a presença da minha mãe aqui com a gente.

Os mais de 40 anos de luta custaram a ela a sua saúde, e infelizmente ela sofre do mal de Alzheimer, já em estado avançado, requerendo atenção contínua de cuidadoras para que ela possa ter esse final de vida com o mínimo de dignidade. (Palmas.)

Clarice é uma das heroínas dessa história. Clarice é mãe de Ivo e André, avô do Lucas - o Lucas chegou, o Lucas Herzog -, Sofia, Helena, Ramiro e Eric, de Thor e Flora.

Clarice é companheira de Gunnar, que há 46 anos está ao seu lado, segurando a sua mão e testemunhando a vida de uma mulher destruída não somente por um crime bárbaro, mas principalmente pela impunidade aos assassinos e aos mandantes. Obrigado. (Palmas.)

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - ADRIANO GARCIA - E Ana Maria do Carmo Silva Dias, há quase 45 anos viúva, persiste para que a história do marido, o operário Santo Dias da Silva, não seja esquecida.

O assassinato de Santo ocorreu em 30 de outubro de 1979, dois meses após a aprovação da Lei da Anistia, regulamentada um dia após o crime.

A partir de então, Ana Dias firmou a responsabilidade de manter viva a semente de Santo, militante da oposição metalúrgica em São Paulo, morto pela Polícia Militar durante o piquete na fábrica de lâmpadas Silvânia, em Santo Amaro, na zona sul da Capital.

Na época em que o direito à greve ainda não era reconhecido, os grevistas lutavam por melhores condições de trabalho e salário, e pela livre expressão das suas reivindicações.

O assassinato de Santo Dias causou uma reviravolta na greve, que estava prestes a terminar e acabou ganhando um novo fôlego. Em uma assembleia, seis mil operários decidiram manter o movimento.

Alvo recorrente de ameaças e de tentativas de silenciamento, Ana Dias se manteve firme na resistência, motivada pelo propósito de preservar a memória e a história; e, como ela mesma diz, na força da mulher guerreira, tentando contar para os que estão chegando e para os que ainda vão vir que a luta não terminou, que a luta é essa, da mulher e do homem.

Por meio de um trabalho ligado à emancipação feminina na política, Ana Dias, a exemplo de outras mulheres, contestou as políticas econômicas do regime militar, reivindicando a diminuição do custo de vida na campanha popular da massa, que ficou conhecida como Movimento Contra a Carestia.

Também liderança da zona sul paulistana, Ana Dias mobilizou outras mulheres na reivindicação por uma vida mais digna e justa dentro das fábricas. Ela e o marido também militavam nas comunidades eclesiais de base da Igreja Católica, ao lado de trabalhadores rurais e urbanos.

No final da década de 1960, afetados pelo êxodo rural, ambos migraram do interior de São Paulo para a Capital, onde fixaram moradia na periferia do Jardim Ângela.

Era uma vocação de luta e, ao mesmo tempo, de solidariedade que corria nas veias de ambos, e que aflorou em Ana com muito mais força ainda no dia do velório e sepultamento do marido.

Amparada desde o IML por dom Paulo Evaristo Arns, que temia por um ataque a bomba na Catedral da Sé, a cerimônia foi realizada na Igreja da Consolação. Ali os trabalhadores decidem sair em passeata, levando o corpo de Santo Dias para a Sé, ato que foi um divisor na vida de Ana Dias, que a partir dali entra de vez na luta pela redemocratização.

Ana Dias participa ativamente do Comitê Santo Dias e, anualmente, organiza atos públicos no local onde o marido foi assassinado. Ela também integra o Clube das Mães de Santa Margarida, na zona sul, um movimento de mães que se disseminou por diversos bairros da periferia.

Nas trincheiras de luta, Ana Dias conta com o engajamento da filha, Luciana Dias, e do filho, Santo Dias da Silva Filho.

Assistiremos agora a um vídeo da homenageada.

* * *
- É exibido o vídeo.
* * *

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - ADRIANO GARCIA - E, neste momento, teremos a honra de ouvir as palavras da Sra. Ana Dias. Por favor. (Palmas.)

A SRA. ANA DIAS - Boa noite a todos e a todas. Mais uma vez, testemunhando aquela palavra que falei naquela hora de dor no assassinato do Santo, do medo de eles sumirem com o corpo do meu marido.

Mas que dom Paulo, muito fiel a todo aquele povo da periferia, aquele povo de luta... aquela luta que a gente aprendeu não na escola e nem com a família. Mas uma luta difícil, porque foram momentos muito difíceis que não terminaram.

Como eu disse muitas vezes, a luta não é um dia, não é um ano, mas é a vida toda. A luta para conquistar os nossos direitos, passar por uma ditadura, principalmente as mulheres, porque é muito difícil para o povo acreditar nas mulheres.

Obrigada a esta mulher que hoje fez esta homenagem à Clarice, à Eunice e a mim. Eu acredito que, se não fosse pelas mulheres, a luta nem existiria. (Palmas.)

As mulheres na periferia, quando conseguiram sair de dentro de casa, eu disse... e não só eu, mas muitas: “É muito difícil tirar a mulher de dentro de casa, porque ela foi educada pela avó, pela mãe e pela sociedade, porque a mulher é proibida de sair de casa. Mas quando ela sai e sabe dos seus direitos, ela nunca mais entra em casa e fica calada. A mulher é a luz, é a força, é a coragem”.

Eu acho que, se não fosse pela mulher, talvez a gente não conseguiria estar ou ter conquistado tanta coisa no nosso País, e continuar lutando para que nunca mais volte a ditadura.

Muito obrigada às mulheres. (Palmas.)

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - ADRIANO GARCIA - Senhoras e senhores, é neste momento que convido os membros da Mesa de Honra a se dirigirem ao centro da tribuna para a outorga dos colares. (Pausa.)

Chamo então a Sra. Vera Paiva para receber...

A SRA. PRESIDENTE - BETH SAHÃO - PT - (Inaudível.)

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - ADRIANO GARCIA - A Ana Dias vai receber primeiro? Perdão. A Sra. Ana Dias, por favor, recebendo a comenda.

* * *

- É feita a outorga do Colar de Honra ao Mérito Legislativo do Estado de São Paulo.

* * *

Neste momento, então...

A SRA. PRESIDENTE - BETH SAHÃO - PT - (Inaudível.)

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - ADRIANO GARCIA - Por favor, deputada.

A SRA. PRESIDENTE - BETH SAHÃO - PT - Por conta da lei que criou esta comenda da Assembleia, ela só pode ser colocada efetivamente na pessoa que está aqui, certo? Como a Clarice Herzog não pôde por impossibilidade - ela está doente - e a Eunice já faleceu, então nós vamos apenas entregar para os familiares.

Por isso, não estranhem que não será colocada no pescoço, apenas a Ana Dias que está aqui presente que teve isso. Mas isso não significa nada, porque o que vale é que a família está recebendo esta honraria. (Palmas.)

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - ADRIANO GARCIA - Agora o Sr. Ivo Herzog recebendo a homenagem, representando a Sra. Clarice Herzog.

* * *
- É feita a outorga do Colar de Honra ao Mérito Legislativo do Estado de São Paulo.
* * *

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - ADRIANO GARCIA - Neste momento, a Sra. Vera Paiva vai receber a homenagem, representando a Sra. Eunice Paiva. (Palmas.)

* * *

- É feita a outorga do Colar de Honra ao Mérito Legislativo do Estado de São Paulo.

* * *

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - ADRIANO GARCIA - Convidamos então a Sra. Vera Paiva a usar a palavra. Por favor.

Enquanto as senhoras e os senhores retornam a nossa Mesa... senhoras e senhores, pedimos para que, ao final da solenidade, todos permaneçam no Plenário, porque, após o encerramento, prestaremos as apresentações musicais da orquestra Lira Musical, de Diadema, e da cantora Preta Ferreira, acompanhada pelo Anderson Sono ao violão.

Com a palavra, Vera Paiva.

A SRA. VERA PAIVA - Boa noite a todos, a todas e a todes. Eu não quis falar naquela hora, porque eu acho que precisava seguir para outras famílias. Agradeço muito à Beth Sahão por esta incrível iniciativa, mas eu quis falar por dois motivos.

Primeiro, um apelo ao presidente da República pelo... a gente tem chamado de “Reinstala Já” para a comissão. E a comissão, gente, se chama Comissão Especial Sobre Mortos e Desaparecidos, várias pessoas falaram outros nomes de comissões.

Tanto a Comissão da Verdade - que alguns confundem sempre com a Comissão Especial Sobre Mortos e Desaparecidos - foi uma comissão de Estado que teve começo, meio e fim. A Comissão de Anistia é uma comissão de Estado que recentemente homenageou, além da Clarice, os indígenas.

São comissões de Estado que nem o governo do Bolsonaro conseguiu extinguir imediatamente. E eu queria fazer esse apelo a todos e encerrar esta sessão, porque a luta continua. Eu sou a “Veroca Livre da USP” e presidi junto a outros colegas o DCE Livre - Alexandre Vannucchi Leme.

Eu queria lembrar que o “Reinstala Já” é o reinstala de uma comissão de Estado que o Bolsonaro nos fez aguentar em minoria durante todo o tempo em que ele governou, para encerrá-la com um golpe, fingindo que tinha feito um relatório final.

Por lei, ela não poderia ter sido desinstalada. Essa foi a última ação do Governo Bolsonaro, não sei se vocês se lembram disso.

No último dia - mal assinado, inclusive - ele extinguiu a Comissão Especial Sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. Eu quero só ressaltar o nome da comissão, que é uma comissão de Estado instalada por lei, que só poderia ser extinta quando encerrasse os seus trabalhos. Obviamente, ela não encerrou os seus trabalhos, mas fizeram e ganharam, porque tinham a maioria.

Eu, a Diva e o Dr. Ivan, do Ministério Público, permanecemos, não fomos demitidos pelo Bolsonaro nesse tempo, estamos aguentando vocês não imaginam o que. A “sorte” foi a pandemia, que nos deixou à distância. E, por quatro a três, eles a produziram e aprovaram um relatório fake, que não é um relatório de encerramento dos trabalhos da comissão.

Então, é por isso que eu quis muito falar para vocês, para vocês entenderem que existem comissões de Estado e atividades da sociedade civil, que é algo que a gente não pode abandonar.

Como fizemos na caminhada nesses dias - na Caminhada do Silêncio -, que saiu da rotatória homenageando os torturados e assassinados lá e os sete mil presos e torturados naquele lugar, e caminhando em direção ao monumento que tem aqui em frente, dos mortos e desaparecidos.

E eu queria saudar principalmente - e vou encerrar com isso - as pessoas que vieram aqui para nos lembrar de que seguimos vivos por um lado depois de termos vivido essa tortura e essa barbárie.

E cito o Politi; cito a Amelinha e Criméia, nossa dupla querida; cito o nome da família Vannucchi Leme; Yara Prado; entre outros tantos que estiveram na Torre das Donzelas e que seguem aqui resistindo com a gente.

Eu me lembro, porque isso continua acontecendo. Os atos de prisão, de assassinato político e de tentativa de desaparecimento político continuam acontecendo.

Como eu sempre falo, o Dom e o Bruno iriam ser desaparecidos políticos se não estivéssemos vivendo em um momento de democracia em que rapidamente se movimentaram para prender a pessoa que executou, porque foi só o executor. “Quem mandou matar?”.

“Quem mandou matar? Quem mandou matar Rubens Paiva? Quem mandou matar Marielle? Quem mandou matar Bruno e Dom?”. Eles iriam virar casos de desaparecimento, porque iriam ser enterrados, dissecados os corpos e espalhados em um lugar de difícil acesso.

Para lembrar que isso ainda continua existindo, e a Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos precisa ser reinstalada, presidente Lula. “Reinstala Já”, presidente Lula. (Palmas.)

E eu queria fazer uma homenagem especial à Rosalina, a querida Rosalina Santa Cruz, que, como eu, é familiar de um desaparecido político, irmã de Fernando Santa Cruz, cuja família e cujas mulheres da família insistiram na luta. (Palmas.)

E dizer que o caso do Fernando é um caso exemplar de como é possível ainda investigar e resgatar a história do que aconteceu com os restos mortais. A Mariluce também. Eu me esqueci de mencionar a minha colega, minha companheira, a Mariluce. (Palmas.)

E vejam... não sei todos sabem, mas foi identificado por depoimentos... identifiicou-se o corpo e se descobriu que o corpo do Fernando foi incinerado.

De alguma maneira, terminou... acabou que o local final do corpo, como disse o meu sobrinho querido que estava aqui... ele escreveu no chão, e eu mostrei para algumas pessoas na saída da caminhada, “eu quero saber onde está o corpo do meu avô”.

Ele entendeu as falas da gente na caminhada, saiu e escreveu no chão. Esse menininho que estava aqui em cima, que vocês viram, ele escreveu isso. O corpo foi identificado lá. Então, é possível.

E a história da família Santa Cruz indica que ainda é possível, sim, irmos atrás da história e do que aconteceu, e apaziguar o coração das famílias. Então, é por isso que eu estou insistindo em encerrar dizendo: “Presidente Lula, reinstala já. Presidente Lula, reinstala já”. (Palmas.)

Como disseram vários aqui, ninguém morre se é lembrado. Então, um viva ao Fernando Santa Cruz, um viva a todos os parentes de mortos e desaparecidos aqui - sejam da ditadura de antes, sejam da ditadura de hoje que permanece com essa violência de Estado e com essa violência policial. (Palmas.)

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - ADRIANO GARCIA - Senhoras e senhores, é neste momento que convidamos a deputada Beth Sahão para encerrar esta sessão solene.

A SRA. PRESIDENTE - BETH SAHÃO - PT - Bem, esgotado o objeto da presente sessão, eu gostaria também de citar a presença aqui do Luciano Caparroz, presidente do Centro Santo Dias de Direitos Humanos. O Maurício já falou.

A Amelinha Telles, representando a União das Mulheres. Camilo Vannuchi, secretário da cultura de Diadema; Criméia Almeida, representante da Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos.

Aos familiares todos e a todos aqueles que vieram acompanhar esta solenidade, esta sessão solene, muito obrigada pela presença. E assim agradeço a todos, a minha equipe também, que foi importantíssima para podermos realizar esta sessão.

Aos funcionários daqui da Assembleia Legislativa, ao serviço de som, de taquigrafia e de fotografia, ao serviço de atas, do Cerimonial, à Secretaria Geral, à TV Alesp e às assessorias das Polícias Militar e Civil, bem como a todos que, com as suas presenças, para que tivesse este evento pleno êxito.

Assim, eu encerro a presente sessão. Boa noite.

Obrigada a todas e todos. (Palmas.)

E agora temos um coquetelzinho ali, porque todo mundo que não juntou ainda deve estar com um pouquinho de fome. Então... E a música da...

Agradecemos mais uma vez à Orquestra de Diadema. (Palmas.) Uma salva de palmas para eles e para a nossa querida Preta. Cadê a Preta? Ué, a Preta... cadê a Preta? A Preta também, a Preta Ferreira, sempre parceira dos nossos eventos aqui. Por favor. Então, ficamos aí com a música da Orquestra de Diadema.

Muito obrigada.

O SR. MESTRE DE CERIMÔNIAS - ADRIANO GARCIA - Encerrada a solenidade, por favor, TV.

* * *

- Encerra-se a sessão às 21 horas e 23 minutos.

* * *

23 DE ABRIL DE 2024

51ª SESSÃO ORDINÁRIA

Presidência: GILMACI SANTOS, CARLOS GIANNAZI, REIS e VITÃO DO CACHORRÃO

RESUMO

PEQUENO EXPEDIENTE
1 - GILMACI SANTOS
Assume a Presidência e abre a sessão às 14h. Convoca sessão extraordinária a realizar-se hoje, às 16 horas e 30 minutos ou dez minutos após o término desta sessão.
2 - REIS
Por inscrição, faz pronunciamento.
3 - CARLOS GIANNAZI
Assume a Presidência.
4 - DR. JORGE DO CARMO
Por inscrição, faz pronunciamento.
5 - TOMÉ ABDUCH
Por inscrição, faz pronunciamento.
6 - REIS
Assume a Presidência.
7 - VITÃO DO CACHORRÃO
Por inscrição, faz pronunciamento.
8 - CARLOS GIANNAZI
Por inscrição, faz pronunciamento.
9 - EDUARDO SUPLICY
Por inscrição, faz pronunciamento.
10 - SIMÃO PEDRO
Por inscrição, faz pronunciamento.
11 - LECI BRANDÃO
Por inscrição, faz pronunciamento.
12 - MAJOR MECCA
Por inscrição, faz pronunciamento.
GRANDE EXPEDIENTE
13 - VITÃO DO CACHORRÃO
Para comunicação, faz pronunciamento.
14 - VITÃO DO CACHORRÃO
Assume a Presidência.
15 - REIS
Por inscrição, faz pronunciamento.
16 - SIMÃO PEDRO
Por inscrição, faz pronunciamento.
17 - REIS
Assume a Presidência.
18 - PROFESSORA BEBEL
Por inscrição, faz pronunciamento.
19 - LUIZ CLAUDIO MARCOLINO
Por inscrição, faz pronunciamento.
20 - DR. ELTON
Por inscrição, faz pronunciamento.
21 - MONICA SEIXAS DO MOVIMENTO PRETAS
Pelo art. 82, faz pronunciamento.
22 - EDUARDO SUPLICY
Pelo art. 82, faz pronunciamento.
23 - LUIZ CLAUDIO MARCOLINO
Solicita o levantamento da sessão, por acordo de lideranças.
24 - PRESIDENTE REIS
Defere o pedido. Convoca os Srs. Deputados para a sessão ordinária do dia 24/04, à hora regimental, com Ordem do Dia. Lembra sessão extraordinária a ser realizada hoje, às 16 horas e 30 minutos. Levanta a sessão às 16h16min.
* * *
- Assume a Presidência e abre a sessão o Sr. Gilmaci Santos.
* * *
- Passa-se ao

PEQUENO EXPEDIENTE

* * *

O SR. PRESIDENTE - GILMACI SANTOS - REPUBLICANOS – Presente o número regimental de Sras. Deputadas e Srs. Deputados, sob a proteção de Deus iniciamos os nossos trabalhos.

Esta Presidência dispensa a leitura da Ata da sessão anterior e recebe o Expediente.

Sras. Deputadas, Srs. Deputados, nos termos do Art. 100, inciso I do Regimento Interno, convoco V.Exas. para uma sessão extraordinária a realizar-se hoje às 16 horas e 30 minutos ou dez minutos após o término da presente sessão, em cumprimento do interstício mínimo previsto no § 3º do Art. 100 do Regimento Interno, com a finalidade de ser apreciada a seguinte Ordem Do Dia:

* * *

- NR - A Ordem do Dia para a 14ª Sessão Extraordinária foi publicada no D.O. de 24 de abril de 2024.

* * *

Sras. Deputadas, Srs. Deputados, agora entramos para o Pequeno Expediente, convidando para fazer uso da palavra o deputado Luiz Claudio Marcolino. (Pausa.) Deputado Teonilio Barba. (Pausa.) Deputado Reis.

O SR. REIS - PT - SEM REVISÃO DO ORADOR - É assim, deputado Vitão do Cachorrão, se chegar cedoinho e colocar a digital ali, no outro dia é o primeiro. Vossa Excelência observa que eu estou sendo o terceiro, então dois deputados antes de mim colocaram a digital ali na maquininha. Creio que é isso, a assessoria técnica está...

* * *

- Assume a Presidência o Sr. Carlos Giannazi.

* * *

Bom, presidente Carlos Giannazi, o nosso presidente designado, o nosso candidato designado, o “candidate designate” já se ausentou, que é o deputado Gilmaci Santos, e agora o deputado Carlos Giannazi assumiu a Presidência.

Bom, vou fazer saudação a todos os deputados, deputadas, saudar também os integrantes da Polícia Militar, da Polícia Penal, da Polícia Técnico-Científica e da Polícia Civil, e também todos aqueles e aquelas que estão em suas residências e estão nos acompanhando pela Rede Alesp.

Dizer que ontem, na data de ontem, nós fizemos aqui, sim, a audiência pública do lamspe. Vários servidores participaram dessa audiência pública, onde foram apontados os vários problemas do Hospital do Servidor Público, que é gerenciado pelo lamspe, os vários problemas, a falta de funcionários.

E tem um requerimento de informação que eu fiz ao governo, deputado Carlos Giannazi, para saber quantos funcionários estão faltando no lamspe ou na Rede lamspe. E eles me mandaram essa informação oficial, deputado Vitão do Cachorrão.

É fato que esse governo tem vários problemas com o funcionalismo.

Ele não olha muito para o funcionalismo, é um governo que se predispõe a vender o Estado. Eu até outro dia falei que, pesquisando no Creci, não vi o nome do governador Tarcísio de Freitas, ele não tem registro no Creci, então ele exerce essa atividade de forma irregular, exercício irregular da profissão.

Ele não é corretor, mas ele quer se colocar como corretor para vender o Estado. Eu até achava que ele tinha um número no Creci, mas eu pesquisei e não tem. Inclusive, está lá, foi colocado lá o prédio da administração do lamspe no rol dos imóveis a serem vendidos. E isso está revoltando muitos funcionários públicos.

E ele deveria se preocupar em administrar, em resolver os problemas. Ou seja, lá no lamspe, nós temos 6.195 vagas, ou 6.195 postos, cargos, cargos de concursos públicos.

Então, nesses cargos estão os médicos, estão os enfermeiros, estão os atendentes de enfermagem, estão os técnicos de radiologia, e assim por diante. Desses 6.195 cargos, somente 4.020 estão ocupados.

Faltam 2.175 cargos a serem ocupados. Ou seja, praticamente o lamspe está trabalhando ali com 60% da sua capacidade, uma vez que não tem funcionários para atender os servidores.

Então, o governo, já que ele é o governador e não corretor de imóveis, ele deveria preocupado em organizar os concursos públicos, contratar profissionais, contratar médicos, contratar enfermeiros, enfermeiras, atendentes de enfermagem, técnicos, para fazer com que o servidor possa funcionar adequadamente. Obviamente, se não tem funcionários...

Deputado Vitão do Cachorrão, sei que V. Exa. não é funcionário público, logo não é segurado, não é contribuinte do lamspe; eu sou funcionário público de carreira e eu sou segurado do lamspe. Então, o meu plano de saúde está lá no lamspe, o hospital que eu frequento quando preciso é o Servidor, Hospital do Servidor Público.

Então vamos observar que nós temos falta de funcionários em todos os segmentos do Estado. Nós temos falta de funcionários na Polícia Civil, mais de 17 mil vagas; falta de funcionários na Polícia Militar, mais de 20 mil vagas. E, agora oficialmente, o governo está me informando que faltam, para dar um atendimento adequado aos servidores, 2.175 profissionais.

“Ah, mas eu herdei isso. O governo anterior que me passou...”, não, mas já devia ter tomado alguma atitude, porque nós já estamos chegando aí, praticamente, a mais de um terço do tempo do governo; daqui a pouco chega a 50% do seu mandato. E aí nós vamos continuar culpando o governo anterior? Não dá.

Então, o secretário de Gestão e Governo Digital - porque o servidor, o lamspe, está no guarda-chuva da Secretaria de Gestão e Governo Digital -, invés de pensar em vender os imóveis do Estado e vender a Sede Administrativa do lamspe, deveria se preocupar em prover os concursos, contratar mais profissionais, para poder dar um tratamento adequado aos servidores públicos.

E, na audiência que nós tivemos aqui ontem, o diretor do Hospital do Servidor fez uma boa exposição, o Dr. Takano. Mas os usuários, quando foram ao microfone, expuseram a situação caótica e crítica do Hospital do Servidor Público.

A gente espera que o governo tome providências, que o secretário de Gestão e Governo Digital, invés de ficar pensando em vender o prédio da Alesp, vender o prédio da Rota, vender a Pinacoteca, que ele pense em fazer concursos, organizar a administração e dar a resposta adequada para os nossos servidores.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE - CARLOS GIANNAZI - PSOL - Com a palavra, o deputado Dr. Jorge do Carmo, que fará uso regimental da tribuna.

O SR. DR. JORGE DO CARMO - PT - Boa tarde, Sr. Presidente deputado prof. Carlos Giannazi; boa tarde, Srs. Deputados e Sras. Deputadas, público da TV Alesp, os assessores aqui presentes, os policiais, enfim, todas as pessoas que estão nos vendo, nos ouvindo neste Pequeno Expediente.

Dizer, Sr. Presidente, que venho a esta tribuna nesta tarde, nesta terça-feira, no Pequeno Expediente, presidido por V. Exa., para falar de um assunto que penso ser muito importante para a região leste da cidade de São Paulo e, em especial, a região de Guaianases. E vou falar de acessibilidade, da importância dela.

Ontem, eu participei de uma reunião com o presidente da CPTM e queria pedir para o Machado, por gentileza, passar o vídeo durante a minha fala - é um vídeo sem som. E dizer, Sr. Presidente, que já há algum tempo, tenho insistido e persistido com o presidente da CPTM de São Paulo, da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos, para que faça um projeto acessibilidade para a estação de Guaianases, lá na Linha 11 - Coral.

* * *

- É exibido o vídeo.

* * *

É caótica a situação das pessoas que acessam aquela estação. Vejo - por muitas vezes já vi, deputado Vitão do Cachorrão -, diversas senhoras e senhores de idade ou pessoas com dificuldades de mobilidade, acessando aquela, tentando, melhor dizendo, acessar a estação para passar pela catraca com uma dificuldade imensa. Por quê?

A estação da CPTM de Guaianases não tem acessibilidade. O presidente contrapôs isso, dizendo que ela não está classificada entre as estações que não têm acessibilidade.

Por que ele fala isso? Porque ela tem uma rampa que dá uma volta muito grande e difcilmente as pessoas utilizam aquela rampa, principalmente as pessoas que têm dificuldade na mobilidade.

Então é preciso que a estação tenha escadas rolantes, é preciso que a estação tenha elevadores para que as pessoas com deficiência, pessoas com dificuldade na mobilidade, pessoas com qualquer dificuldade de acesso possam ter essas condições. O Estado tem que garantir essa condição.

Por isso, nós insistimos e persistimos. Graças a Deus e à luta - estive lá ontem acompanhado do vereador Senival Moura, de São Paulo -, nós convencemos, penso que convencemos, o presidente da CPTM a fazer o projeto.

Ele disse que o projeto está sendo elaborado para construir, instalar duas escadas rolantes, sendo duas no lado do Lajeado e duas no lado de Guaianases, para garantir à população daquela região, que não é só de Guaianases, é da Cidade Tiradentes, é do Jardim São Paulo, é do Jardim Robru, todas as pessoas que utilizam. São aproximadamente 100 mil pessoas por dia que acessam aquela estação e sofrem com essa dificuldade, que é a falta de acessibilidade.